

BENTO, Berenice. *Brasil, ano zero: estado, gênero e violência*. Salvador: EDUFBA, 2021.

Ana Paula Marcelino da Silva¹
ORCID:0000-0003-3564-3797

É um livro múltiplo. *Brasil, ano zero: estado, gênero e violência*, escrito pela socióloga e professora da Universidade de Brasília, Berenice Bento, é múltiplo não só pela diversidade de temas e de formatos textuais, mas pela fertilidade reflexiva que provoca quem o lê. Esta resenha é um exercício de reflexão que tenta capturar algumas das ideias dessa obra, dada a difícil tarefa de sintetizar tamanha densidade reflexiva em algumas laudas.

O livro, cujo título é baseado no filme *Alemanha, ano zero*, de Roberto Rossellini², conjuga artigos, resenhas, entrevistas, ensaios e outros escritos da autora que foram publicados nos últimos anos. Desde o prefácio, escrito por Leandro Colling, professor da Universidade Federal da Bahia, percebemos que a filósofa estadunidense Judith Butler tem grande influência na obra de Bento, se considerarmos a proximidade temática dos assuntos discutidos nas publicações das duas autoras. Certamente, esse é um ponto central para o exercício intelectual, porém, nem sempre isso significa uma aceitação tácita das proposições de Butler.

A primeira parte do livro, *Democracia: rua, parlamento, universidade*, está dividida em seis capítulos, organizados de acordo com as temáticas dos textos. Destaco o primeiro capítulo, *Democracia, gênero, direitos humanos*, em que Bento discute a relação entre os sentidos da democracia e a influência das emergentes ondas de fascismo que chegaram ao Brasil, atingindo o ápice a partir das declarações de parlamentares brasileiros que admitiram o processo de *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff ser “em nome da família”. A família, Deus e a liberdade é o tripé de disputa moral usado para disfarçar preconceito, corrupção, misoginia e fomentar o aparecimento de arautos da dignidade (que são sempre homens brancos), ou mesmo engendrar espetaculares gambiarras jurídicas que instalam a ilusão de que foi feita a justiça.

No mesmo capítulo, há ainda um texto em que a professora Berenice reflete sobre os seus próprios privilégios³ diante da mudança provocada pelo sistema de cotas nas universidades públicas. Finalmente, no texto que dá nome ao livro, Bento discute

1 Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB). Mestra em Antropologia (PPGA/UFPB). Bacharela e Licenciada em Filosofia (UFPB). Membro da ABA - Associação Brasileira de Antropologia e do GRUPESSC/CNPQ/UFPB - Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura. Pesquisadora participante das redes de pesquisa Antropocovid e Ecos da Pandemia.

2 Dirigido por Roberto Rossellini, o drama foi lançado em 1948. O filme narra a história de Edmund, um garoto de 12 anos que precisa trabalhar para sustentar sua família em meio a uma Berlim devastada pelos bombardeios da guerra.

3 Mulher, branca, professora universitária.

sobre a incapacidade semiótica de qualificar o presidente Jair Bolsonaro, nem neofascista, tampouco louco, a figura abjeta que preside atualmente o país “é uma experiência de dor” (BENTO, 2021, p. 51). A autora certamente não sabia, mas essa expressão, cunhada à época de publicação do texto em 2019, acabou tragicamente premonitória diante do completo descaso de Bolsonaro com relação à pandemia da Covid-19.

No segundo capítulo, Bento tece considerações sobre o amor e o cuidado no filme *A garota dinamarquesa*⁴, de Tom Hooper. Juntamente com Paulo Victor Leite Lopes, eles refletem também sobre os espaços sociais generificados de *Redemoinho*⁵, do diretor José Luiz Villamarim e, finalmente, a honra “como cimento simbólico mais importante da família”, em *A vida invisível*⁶, de Karim Ainouz.

Por sua vez, o terceiro capítulo, inspirado no clássico livro *Diante da dor dos outros*, de Susan Sontag, é uma espécie de carta ao pai de Aylan, garoto encontrado morto em uma praia do mar Egeu, e conjuga elementos de reflexão psicanalítica sobre a dimensão social do luto. É neste capítulo que a autora traz considerações acerca da sua experiência etnográfica junto ao povo saaraui, que ocupa parte do deserto do Saara. As narrativas sobre as experiências de coloniza-

ção e de perseguição, as condições de vulnerabilidade e de precariedade nos campos de refugiados e a falta de reconhecimento por parte de Estados-nação consolidados, ditam o tempo da espera nos campos de refugiados e nas províncias, particularmente comandados por mulheres que lutam diariamente por suas vidas e pela de seus familiares.

No quarto capítulo, Bento propõe novas discussões sobre questões como gênero, poder, racismo e misoginia. Destaco os textos sobre as metáforas em torno desse braço “feminino” do governo Bolsonaro, que é a ministra Damares Alves, e diante da declaração grotesca da ministra sobre “meninos usarem azul e meninas usarem rosa”⁷. Bento desvela as questões subjacentes à essa declaração, pois, a partir do momento em que o binarismo de gênero passa a ser uma espécie de política pública, centralizada inclusive em uma secretaria com *status* de ministério, tudo o que escapa aos pares “vagina/mulher”, “pênis/homem” e “feminilidade/masculinidade” não terão mais a possibilidade de existir. Esta é, sobretudo, uma política de extermínio, de negação ao direito fundamental básico: à vida. Entretanto, ao mesmo tempo em que procura respaldo biológico na anatomia, tal binarismo, segundo a autora, colapsa diante da intersexualidade.

4 Dirigido por Hooper e lançado em 2015, o drama teuto-britânico-dinamarquês-estadunidense, narra a história de Lili Elbe, a primeira pessoa a se submeter a uma cirurgia de mudança de gênero. Distribuidora: Universal Pictures.

5 Lançado em 2017, o filme narra a história de dois amigos de infância – Luzimar e Gildo – que se reencontram depois de anos de separação. Distribuidora: Vitrine Filmes.

6 Lançado em 2019, o drama narra a história das irmãs Eurídice e Guida, cujas vidas tomar rumos distintos, apesar de compartilharem a mesma origem e criação. Distribuidora: Globo Filmes.

7 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em 25 ago. 2022.

A figura de Damares é mais uma vez trazida em *Entre o belo e o feio: o espelho de Damares Alves* para refletir sobre a presença da ministra em um governo cujo principal objetivo é eliminar tudo que demonstre força suficiente para implodir o edifício de uma moral que já nasceu ultrapassada. “Damares, talvez não intencionalmente, coloca em discurso séculos de história de construção do feminino como lugar da abjeção” (BENTO, 2021, p. 97), lugar que, conforme demonstra Bento no texto seguinte, aparece como sintoma na enxurrada de memes que satirizam Bolsonaro. As imagens que circulam, inclusive em grupos de setores mais progressistas, sempre retratam o presidente como uma mulher, uma travesti, uma velha, uma adolescente. Ou seja, “Bolsonaro reúne todos os atributos negativos identificados com o feminino” (BENTO, 2021, p. 99), por isso é fácil rir desses memes.

Já o quinto capítulo do livro, discute as relações entre gênero, violência e Estado a partir do exemplo de Lara, estudante travesti impedida de usar o banheiro feminino durante uma prova do Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – que, coincidentemente, naquele ano, trazia o famoso aforismo beauroviano, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Ainda no referido capítulo, há um texto sobre como a violência de gênero está entranhada nas situações mais cotidianas, como em um simples parque de diversões instalado em um *shopping* e em comentários sobre as variáveis e as motivações de tristes episódios de transfeminicídio (BENTO, p. 109) ocorridos no país. Bento encerra o capítulo com um texto sobre como a cultura do

estupro e as agressões sofridas por mulheres famosas, que contam suas experiências de abuso, produzem narrativas que atingem o núcleo mais moralista da sociedade, encerrando o silenciamento histórico desses corpos territorializados e subjugados.

A luta pela *despsiquiatrização*, a partir da perspectiva do gênero, é discutida no sexto capítulo por meio de seis textos oriundos de publicações da autora em revistas e em comentários em mesas-redondas. Seja no racismo à brasileira, que mobiliza uma retórica de poder de naturalização das subjetividades a partir da cor da pele, encontra no resultado as explicações para os efeitos letais desses discursos ao longo da história; seja na violência contra mulheres palestinas e no viés culturalista que pode levar a armadilhas de essencialização de identidades.

O que Bento propõe é pensar as diferenças culturais contra a própria noção de cultura que habita o centro das reflexões antropológicas. Essas questões também dizem respeito à forma como o gênero, especificamente, vem sendo tratado pela medicina ocidental. Desde sua concepção biologizante, fundada na anatomia e para além do corpo da mulher, ela aponta a prevalência do DSM-5, manual médico da *American Psychiatric Association* (APA), como principal instrumento diagnóstico para os chamados transtornos mentais. Nesse sentido, segundo a autora, é preciso considerar como e por quais profissionais é organizado e atualizado o manual, porque, além da influência da indústria farmacêutica, a própria “disforia de gênero”⁵ trazida por ele é restrita à perspectiva da psiquiatria estadunidense. Há ainda aspectos

5 De acordo com a autora, “disforia de gênero” foi o termo cunhado pelo DSM-5 em substituição à “transtorno de Identidade de Gênero”, durante o processo de revisão do manual. Esse processo durou vários anos e contou com a participação de 43 organizações que defendem os direitos das pessoas trans pelo mundo.

moralistas e de controle entranhados no edifício da sacrossanta cientificidade médica.

A face (crítica) butleriana de Berenice Bento aparece de forma mais nítida na fantástica “carta” a Freud, *Uma microfaisca de esmalte que sobrou*, texto extremamente poético, irônico e epistemologicamente denso em que a autora “responde” a uma carta que o pai da psicanálise escreveu a uma mulher em busca de “cura” para aspectos “femininos” da personalidade de seu filho. Apesar de a resposta de Freud ter sido dada em 1935 e contrária à existência de cura (para o que, afinal, não é doença), o texto questiona os motivos pelos quais alguns intérpretes da psicanálise freudiana – e até de outras ciências – atuaram em sentido contrário com relação a Freud e à sua visão sobre a homossexualidade.

A segunda parte do livro, intitulada *Afetos e/na escrita*, é composta por um capítulo com resenhas escritas por Bento. O primeiro livro resenhado é *Incursiones queer em la esfera pública: movimientos por los derechos sexuales en México y Brasil*, de Rafael de la Dehesa, professor associado da Universidade de Nova Iorque. Já a segunda resenha é sobre *Desejos digitais: uma análise sociológica por parceiros on-line*, de Richard Miskolci, sociólogo brasileiro e professor da Universidade Federal de São Paulo. Para não incorrer em uma “resenha sobre as resenhas”, destaco a capacidade analítica da autora que, com muita fluidez argumentativa, discute os temas centrais das obras supracitadas.

Esta parte é composta por cinco prefácios escritos por Bento sobre livros que discorrem sobre temas como gênero, violência, sexualidade, políticas públicas, dimorfismo sexual, teoria *queer* etc. Nos textos, é possível

perceber o cuidado analítico da autora que, ao mesmo tempo em que apresenta as principais discussões das obras, faz de maneira não academicista, ou seja, mesmo sem perder a densidade crítica, a compreensão não se restringe ao âmbito acadêmico, principalmente no que se refere à linguagem. Esta é, aliás, uma característica muito importante do livro e que precisa ser pontuada. *Brasil, ano zero*, é um livro feito para acadêmicos e não-acadêmicos, pois é escrito para além dos muros das universidades (que por vezes são cavernas que ecoam nossas próprias vozes).

Por fim, as entrevistas concedidas por Bento compõem o nono e último capítulo do livro. Nelas, a autora discute e aprofunda temas como a importância da diversidade de gênero, raça, classe e menciona sobre o aumento de discussões envolta das temáticas nas universidades brasileiras e as ressonâncias acadêmicas desse fato; o corpo feminino como campo de disputa na sociedade; a relação entre as subjetividades não-dualistas, restritas a pares analíticos como homem/mulher, masculino/feminino etc; a psiquiatrização; a influência de Judith Butler em sua obra, entre outros temas.

Brasil, ano zero, como já informado, é uma obra provocante, seja pela fuga do panóptico academicista, seja pela profundidade analítica da cotidianidade de um país que, esperamos, renasça depois de tanta devastação. Bolsonaro acabou sendo mesmo “uma experiência de dor”, mas quem sabe, como propôs Chico Buarque recentemente, “que tal puxar um samba depois de tanta derrota, tanta demência e de uma dor filha da puta?”. Pode-se começar pelo ano zero.

Referências

BENTO, Berenice. Uma microfaisca de esmalte que sobrou. *In*: IANNINI, Gilson. **Caro Dr. Freud**: respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUARQUE, Chico. **Que tal um samba?** Rio de Janeiro, Biscoito Fino, 2022.

DE LA DEHESA, Rafael. **Incursiones queer em la esfera pública**: movimientos por los derechos sexuales em México y Brasil. Ciudad de México: Observatorio de Sexualidad y Política: Programa Universitario de Estudios de Género de la Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

MISKOLCI, Richard. **Desejos Digitais**: uma análise sociológica por parceiros on-line. São Paulo: Autêntica, 2017.